

Educomunicação e comunicação cidadã na América Latina: um desenvolvimento necessário

■ Denis Renó

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

DOI: <http://dx.doi.org/10.15304/ricd.1.2.2624>

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos em processos comunicacionais, o que surge de maneira automática é a estrutura midiática convencional. Nesse cenário, oligopólios comunicacionais decidem a agenda e constroem uma opinião pública dentro dos seus interesses. Entretanto, esses interesses nem sempre (ou raramente) estão atrelados aos interesses públicos, ainda que os jornalistas que nos meios trabalham tenham sido formados academicamente (ou profissionalmente, já que diversos países não exigem o diploma de Jornalismo para o exercício da profissão) a partir desse prisma: a notícia deve ser de interesse público.

Por outro lado, os cidadãos possuem uma histórica disposição comunicacional. Isso pode ser percebido desde as civilizações pré-históricas e as pinturas rupestres, quando registros eram feitos no intuito de comunicar acontecimentos às próximas gerações e construir uma história gráfica. Há uma vocação humana de comunicar-se, e isso se mantém vivo.

Observando esse contexto, o teórico brasileiro Luiz Beltrão (2001) desenvolveu estudos sobre os processos comunicacionais de grupos marginalizados. A teoria proposta, denominada pelo autor como folkcomunicação, observa e analisa as práticas comunicacionais desenvolvidas por esses grupos, assim como os fluxos de mensagens entre os atores do processo. Trata-se de uma teoria que reconhece a legitimação da comunicação social fora do circuito midiático tradicional, comandado por interesses distintos dos populares.

Nos processos folkcomunicacionais, um dos objetivos existentes é a educação comunitária, especialmente no que diz respeito à cultura e às origens de um grupo. Para isso, são criadas linguagens corporais e sonoras, assim como sabores e artesanatos que revelam e reforçam esses traços culturais. Vale

ressaltar que a primeira etapa na destruição de um povo é dizimar sua cultura e sua língua, seja por meio de guerra, imposição ou mesmo abafamento por outra cultura, pasteurizada. Essa era uma das principais críticas da Escola de Frankfurt ao discutir sobre a indústria cultural. E esse sempre foi o combate natural dos grupos populares: superar a cultura midiática pela cultura própria.

Nos processos educacionais, a folkcomunicação está presente de maneira especial, e a educomunicação merece destaque nesse cenário. Afinal, é a educomunicação quem reforça os traços culturais a partir de uma estrutura diversas vezes midiaticizada, em massa (ou relativamente massiva). A comunicação cidadã, por sua vez, assume o papel de ampliar esses processos comunicacionais, além de “convidar” os cidadãos a manifestarem-se sobre algo de interesse comunitário e/ou coletivo.

Esse texto apresenta um recorrido pela educomunicação e a comunicação cidadã na América Latina, tendo como proposta a construção de um cenário a respeito e a abertura de discussões a partir disso, inclusive no sentido de apontar melhorias e soluções a serem tomadas. Um dos temas debatidos neste texto refere-se às competências digitais, especialmente para a construção de processos folkcomunicacionais por esses grupos, aproveitando oportunidades, idades tecnológicas e midiáticas existentes na contemporaneidade. Espera-se, com o resultado deste texto, que novos estudos sejam desenvolvidos sobre o tema, tendo como objetivo o desenvolvimento cidadão na região.

2. EDUCOMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Quando pensamos em processos comunicacionais e educação, um termo comum a visitar é o da educomunicação, cuja exploração tem sido historicamente intensa na Améri-

ca Latina, especialmente a partir de ideias e estudos provenientes de autores como o uruguaio Mario Kaplún e o brasileiro Ismar Soares. Mas outros autores contribuíram com iniciativas que geraram desenvolvimento social, tendo como base processos educacionais, ainda que não recebessem esse nome. Entre os teóricos, destacam-se o boliviano Luis Ramiro Beltrán e a brasileira Cicilia Peruzzo, assim como integrantes da ALER - Associação Latino-americana de Educadores Radiofônicos, com destaque para a peruana Rosa Maria Alfaro.

A educomunicação na América Latina assume um papel fundamental, não somente na tentativa de diminuir a desigualdade social, mas também para suprir e superar dificuldades orçamentárias e geográficas que distanciam os cidadãos do conhecimento. Por essa razão, a ALER ocupou um espaço expressivo na região —e ainda ocupa—, já que o sinal de rádio supera estradas ruins, montanhas e mesmo a falta de escolas. Entretanto, só o sinal de rádio na sociedade contemporânea já não é suficiente. É preciso conteúdo com linguagem diversificada.

Neste sentido, iniciativas interessantes têm surgido e complementado as propostas originais desses grupos. Podemos destacar um projeto educacional na comunidade Saraguro, situada na Região 7 do Equador, próxima à cidade de Loja. O projeto, originalmente desenvolvido para execução apenas em uma rádio comunitária, expandiu-se na internet, ganhando novas distâncias. Trata-se, acima de tudo, de um projeto de ensino do idioma Quéchuá, herdado dos Incas daquela região e que pode desaparecer com a miscigenação cultural resultante do desenvolvimento local.

Outro projeto interessante que destacamos está em funcionamento na cidade de Bogotá, especificamente no bairro Ciudad Bolívar, que por sua extensão e violência não consegue contar com estruturas educacionais eficientes. Trata-se de um projeto de produção de vídeos educativos pelos próprios cidadãos, e para eles. No projeto, o que é ensinado não se relaciona diretamente com o que conhecemos como educação ou escola. Porém, através dessa atividade lúdica os

jovens participantes descobrem diversos temas importantes não conhecidos pela falta de oportunidade educacional na localidade.

Percebemos que os projetos destacados costumam caminhar sem a dependência do Estado, comumente desinteressado pelo desenvolvimentos cognitivo da sociedade. Isso se justifica pela percepção, em alguns casos confirmada, de que cidadãos com baixo nível de conhecimento são manipulados mais facilmente, seja pela mídia nos processos de construção da opinião pública, seja pelos próprios políticos, através de contatos e trabalhos diretos com os líderes de opinião, também conhecidos como líderes comunitários.

Outra característica percebida nestes exemplos é a criatividade. O desenvolvimento de um processo educacional depende do conhecimento de linguagens contemporâneas, especialmente as desenvolvidas ou absorvidas pela sociedade em geral. Não se pode impor uma linguagem. É preciso ajustá-las aos processos sociais, especialmente àqueles que conseguem traduzir e chamar à atenção dos jovens contemporâneos, público-alvo desses projetos.

Neste sentido, alguns pontos são fundamentais. O primeiro deles é a narrativa transmídia (Renó e Flores, 2012), uma linguagem popularizada em meados da primeira década de 2000 e que já está consolidada, apesar de não adotada por algumas correntes acadêmico-práticas, especialmente no campo da educação. A narrativa transmídia é contemporânea e resulta de uma série de apropriações de linguagem pelos próprios cidadãos, que aprenderam a utilizar as tecnologias digitais e passaram a exigir novos desenvolvimentos, entre eles a possibilidade de navegar por conteúdos sob demanda e a acessibilidade por dispositivos móveis a preços econômicos.

Com esse desenvolvimento, surgiu uma prática derivada da educomunicação: o edutretenimento, também denominado por alguns como eduentretenimento. Trata-se, basicamente, de entreter os participantes dos processos educacionais com novas narrativas e estratégias de transmissão do conhecimento e participação por espaços

“A educomunicação na América Latina assume um papel fundamental na tentativa de diminuir a desigualdade social, mas também para superar dificuldades orçamentárias e geográficas”

mediatizados. Podemos ver, nesse ângulo, exemplos inovadores, como o desenvolvimento de um videogame que ensina geografia e história, por uma escola brasileira¹, ou observar a proliferação de diversos aplicativos para dispositivos móveis e computadores que ensinam crianças a falar outros idiomas. Por fim, podemos perceber, no espectro do entretenimento, uma mudança narrativa e de conteúdo dos desenhos animados infantis, antes repletos de violência e hoje construídos a partir do objetivo de formação e educação.

A educomunicação caminha de maneira próxima à comunicação cidadã. Na realidade, um processo educacional assume o mesmo objetivo, ou seja, desenvolver a cidadania a partir de práticas comunicacionais, sejam elas educacionais e/ou informativas. De certa maneira, a prática informativa é, também, educacional, já que ela transforma as pessoas que a recebem, além de proporcionar autonomia e liberdade cognitiva sobre algo. Isso também se registra na educomunicação.

Entretanto, a comunicação cidadã é algo em desenvolvimento ainda incipiente em algumas regiões, especialmente naquelas onde o controle sociopolítico ainda é de interesse de grupos dominantes. Esse domínio corrobora com manipulações da opinião pública, distanciando o cidadão de uma justiça social.

3. A COMUNICAÇÃO CIDADÃ LATINO-AMERICANA EXISTE?

A comunicação cidadã, em um nível mais baixo, existe em qualquer cenário social. Mesmo culturas vítimas de governos autoritários possuem processos comunicacionais, seja pela dança, religião, gastronomia ou mesmo o idioma. Entretanto, estes não são processos que constroem uma autonomia social ampla, resultante da consolidação da opinião pública. Trata-se do mais elementar processo, fora de uma ecologia midiática sólida.

Entretanto, em situações e cenários onde a sociedade assume um papel de também protagonista comunicacional, a cidadania ocupa um espaço de protagonista midiático, gerando um maior desenvolvimento social.

Não se pode imaginar um desenvolvimento social sem esse protagonismo midiático, ainda que não seja amplo ou absoluto. Pode-se compartilhar o poder midiático com estruturas convencionais e ainda assim desenvolver a cidadania, não dependendo apenas de inovações.

Em alguns países, como Espanha, no passado houve um projeto de comunicação cidadã, ainda que este tenha fracassado em diversos aspectos finais. Porém, em outras regiões iniciativas como essa sequer aconteceram, impossibilitando a liberdade e a autonomia comunicacional. Mas a comunicação cidadã sobrevive aos obstáculos enquanto existe uma cultura, como propõe Beltrão (2001) ao tratar dos processos folkcomunicacionais.

Dessa forma, os processos de comunicação cidadã na América Latina têm crescido de maneira expressiva, mesmo em sociedades desiguais, fazendo com que diversos grupos possam ocupar espaços renovados na construção da opinião pública. Isso tem sido possível graças ao desenvolvimento das mídias sociais, onde os cidadãos criam seus próprios canais de comunicação, direcionando o conteúdo ao público dominante existente.

Nestor Garcia Canclini (2009) vai fundamentar e explicar esses fenômenos, ainda que tratando de desconectados. Na realidade, atualmente, são poucos os cidadãos desconectados. Na ecologia midiática atual, ainda que uma parte dos cidadãos na América Latina esteja no status de *unplugged*, observa-se um crescimento vertiginoso no número de conectados por dispositivos móveis (Martín-Barbero, 2008) o que diminui a conhecida *brecha digital*.²

Para colaborar com esse cenário, observamos uma cada vez mais simples e sofisticada gama de tecnologias digitais que permitem aos cidadãos comuns a produção de conteúdos midiáticos, possibilitando o desenvolvimento de diversos micro-espaços midiáticos pela região.

Ainda assim, a comunicação cidadã enfrenta uma resistência, em parte pelos próprios cidadãos que, acostumados com os processos e espaços convencionais, subesti-

¹ Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/02/escolas-usam-os-games-para-ensinar-4053223.html>. Acessado em 27/06/2015.

² *Brecha digital* é um termo comumente usado nos países de língua espanhola para denominar a desigualdade digital, ou seja, o espaço existente entre os que usam e os que não usam a tecnologia.

mam a potencialidade do digital, da “globalidade”.³ Todavia, os mais jovens já o fazem. Como exemplo, podemos observar os movimentos sociais registrados na Colômbia, em 2011, contra a *Ley 30*.⁴ Na ocasião, apesar do descaso midiático convencional, estudantes universitários organizaram marchas semanais por todo o país que reuniram, durante dois meses ininterruptamente, cerca de 50.000 participantes nas ruas. A última marcha, quando o projeto já havia sido retirado de votação, reuniu cerca de 100.000 estudantes pelas ruas de Bogotá (Renó, 2012). O interessante foi que os estudantes se organizaram e se informaram apenas através de um canal no Facebook.

Outro expressivo exemplo de organização e de comunicação cidadã a partir de atores aparentemente *unplugged* foi a série de protestos que o Brasil assistiu (e participou) em junho de 2013. Nesta época, diversas cidades brasileiras presenciaram jovens, e alguns não tão jovens, ocupando as ruas contra a corrupção dos políticos de um modo geral. Os protestos, legítimos, foram organizados, registrados e compartilhados por mídias sociais diversas, ultrapassando, inclusive, as fronteiras do país. À época, batizada como “o gigante acordou”, alcançou repercussões internacionais inclusive na mídia tradicional (Gonçalves, Renó e Miguel, 2013), estabelecendo uma potente comunicação cidadã.

Sim, encontramos exemplos de comunicação cidadã na América Latina, apesar da escassez e das limitações diversas, especialmente em questões estruturais e orçamentárias. Entretanto, os poucos exemplos existentes abrem diversas possibilidades para o crescimento e a potencialidade desse modo de construir a cidadania.

3.1. PROPOSTAS PARA O DESENVOLVIMENTO

Uma possível solução para estabelecer uma sistemática comunicação cidadã na América Latina é a organização de programas de captação de competências digitais para grupos populares. Esses processos de capacitação, destinados a aproveitar as possibili-

dades de conexão cidadã por dispositivos móveis, pode abrir diversas possibilidades para os cidadãos comuns.

Para o desenvolvimento desses programas de formação de competências digitais, o ideal seria a união de forças entre a academia e os grupos sociais, as comunidades locais e os governos interessados em estabelecer uma autonomia cidadã. Obviamente, não são todos os governos latino-americanos que possuem tal interesse. Provavelmente poucos. Entretanto, alguns países exploram as possibilidades de desenvolvimento social de maneira destacada, entre eles o Brasil, com diversos programas de diminuição da distância cultural/social de classes, e o Equador, com o *Plan Nacional del Buen Vivir*.⁵ O projeto e a disposição do Equador oferecem para aquele país diversas potencialidades de desenvolvimento de competências digitais para a construção da cidadania a partir da comunicação, e tal experiência poderia ser aproveitada por outras nações. Essa potencialidade não está restrita apenas a questões políticas, mas também a fins educacionais, proporcionando uma mais potente educomunicação.

No campo educacional, uma interessante possibilidade seria o desenvolvimento de estratégias educacionais apoiadas no conhecimento coletivo e no compartilhamento desse conhecimento. Para tanto, podem ser adotados os conceitos de George Siemens (2006) sobre conectivismo. Para o autor, a conexão e o compartilhamento entre cidadãos a partir do *cloud* (nuvem virtual onde ficam os conteúdos digitais) proporciona um maior e melhor desenvolvimento do conhecimento. Segundo o autor, “o conhecimento está nela [na nuvem], e pode ser aproveitado por todos” (Siemens, 2006). O próprio Siemens oferece todas as suas publicações sobre o tema gratuitamente em seu blog, permitindo a qualquer cidadão interessado no conectivismo compartilhar ou comentar suas ideias.

4. CONCLUSÕES

Percebemos, na América Latina, um interessante desenvolvimento da educomuni-

³ Glocalidade é um termo derivado da ideia de Marc Augé que explica a potencialidade da comunicação no cenário contemporâneo dos meios sociais, permitindo tanto uma comunicação global (Internet) como local (redes de amigos).

⁴ *Ley 30* é a lei da constituição colombiana que trata de questões relacionadas com a educação superior.

⁵ Recuperado o 27 de junho de 2015 de <http://www.buenvivir.gob.ec/69>

cação e um expressivo potencial da comunicação cidadã. Entretanto, nenhuma dessas duas características esta desenvolvida a contento na região, especialmente pelas necessidades existentes e as possibilidades aproveitadas. Ainda assim, as poucas iniciativas e experiências indicam uma vocação local para o aproveitamento dessas propostas,

Por outro lado, e colaborando com essas possibilidades, percebemos uma vontade em desenvolver-se localmente, com independência do Estado, o que pode indicar uma inevitável evolução, tanto na educomunicação como na comunicação cidadã latino-americana. O que podemos perceber, contudo, é o pouco apoio governamental para que isso venha a ser uma realidade, e questões de ordem política explicam, lamentavelmente, tais conflitos de interesses.

Finalmente, a partir deste texto, desenvolvido em caráter reflexivo e exploratório, percebemos uma evolução histórica no aproveitamento dos processos comunicacionais

para o desenvolvimento social. Restará saber, a partir do desenvolvimento de competências digitais, se esses processos sugerem os formatos e a linguagem tradicionalmente adotadas pelos meios convencionais, ou se os cidadãos buscam outro “idioma midiático”. O que já sabemos é que nem sempre a agenda midiática oferece conteúdo e debate coerentes com as comunidades, atendendo apenas

às expectativas dos grupos dominantes, cabendo aos marginalizados (Beltrão, 2001) a criação de seus processos comunicacionais, seja pela música, pela crença, pela dança, pela gastronomia, pela história oral ou mesmo por alternativas midiáticas no campo do digital. Se os meios saberão conviver com isso ainda é uma incógnita. Porém, o desinteresse da mídia tradicional representará não somente uma ignorância (no sentido de ignorar) temática, mas também um erro estratégico que poderá fortalecer os cidadãos e a comunicação, enfraquecendo ainda mais as tradicionais estruturas da difusão de notícias.

“Uma possível solução para estabelecer uma sistemática comunicação cidadã na América Latina é a organização de programas de captação de competências digitais”

Referências Bibliográficas

- Augé, Marc (2007). *Por una antropología de la movilidad*. Madrid: Gedisa
- Martín-Barbero, Jesús (2008). Los medios, constructores de la ciudadanía. En OCLAC, UTPL (Ed.), *Comunicación, ciudadanía y valores: re-inventando conceptos y estrategias*. Loja: OCLAC-UTPL.
- Beltrão, Luiz (2001). *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDPUCRS.

- Canclini, Néstor García (2009). *Diferentes, desiguales y desconectados*. Madrid: Gedisa.
- Renó, Denis, Gonçalves, Elizabeth, e Miguel, Katarini (2013). Narrativa transmédia, ativismo político e os múltiplos discursos dos protestos brasileiros de 2013. *Revista Chasqui*, 1(123), 56-63.
- Renó, Denis (2012). Narrativa transmedia y ciudadanía contra la Ley 30 en Colombia. En Martínez Hermida, Marcelo; Mayugo i Majó, Carmen; y Tamarit Rodríguez, Ana (Org.).

Comunidad y Comunicación - Prácticas comunicativas y medios comunitarios en Europa y América Latina (1 Ed.) (Vol. 1) (pp. 337-346). Madrid: Fragua.

- Renó, Denis, e Flores, Jesús (2012). Periodismo transmedia. Madrid: Fragua.
- Siemens, George (2004). *Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age*. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, 2(1). Recuperado o 27 de junho de 2015 de http://www.itdl.org/journal/jan_05/article01.htm.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Denis Renó é jornalista e documentarista. Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Brasil), possui pós-doutorado sobre Jornalismo transmédia pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha) e pós-doutorado sobre Interfaces Interativas para Jornalismo Transmédia em Dispositivos Móveis pela Universidade de Aveiro (Portugal). É professor do programa de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista - UNESP (Brasil) e do programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia da mesma universidade.

Contacto: denis.reno@faac.unesp.br, [@denisreno](https://www.instagram.com/denisreno)

